

CRISTINA NOBRE

1. Um jornal manuscrito quase esquecido: *O Búzio de Moel*

Encontrar um documento manuscrito, cujo paradeiro se desconhecia e se julgava perdido, é sempre um motivo de júbilo para o investigador e um enriquecimento do património cultural. Refiro-me ao motivo da minha comunicação — dar notícia da existência de 14 números de um jornal diário manuscrito, *O Búzio de Moel. Jornal recreativo*, datado de 16 a 29 de Setembro de 1849, tendo como redactor principal António Xavier Rodrigues Cordeiro, ajudado por outros amigos colaboradores, cujos nomes nunca são revelados.

Como se sabe, Afonso Lopes Vieira (Leiria, 1878 - Lisboa, 1946) herdou a grande e valiosa biblioteca de seu tio-avô, Rodrigues Cordeiro (Cortes, 1819 - Lisboa, 1896), e muitas são as edições *princeps* raras de clássicos da literatura portuguesa e outras preciosidades bibliófilas que hoje podem ser consultados no espólio da Biblioteca Municipal Dr. Afonso Lopes Vieira [BML], a actual depositária das bibliotecas fundidas dos dois escritores leirienses. A minha expectativa seria encontrar aí alguns papéis, autógrafos de Rodrigues Cordeiro, à semelhança do que acontece com o imenso espólio manuscrito de Lopes Vieira, que manuseei longamente.

No entanto, o espólio de Rodrigues Cordeiro revelou-se bem mais diminuto do que o do sobrinho-neto. Há dois únicos exemplares autógrafos depositados na BML, e apenas sobre um deles já foi dada notícia por Carlos Fernandes na antologia de 1996, *Poesia e Prosa de Rodrigues Cordeiro*, onde se transcreveu uma composição inédita do escritor, mas o manuscrito não foi explorado.

Trata-se de um *Álbum* encadernado a verde¹, com composições de Rodrigues Cordeiro e de condiscípulos de Direito da Universidade de Coimbra, entre eles o célebre João de Lemos e até o autógrafo do mestre António Feliciano de Castilho. Ao que tudo indica, trata-se de um álbum de recordações do tempo da faculdade, com composições datadas entre 1842 e 1844, de diferente proveniência — a julgar pelos diferentes tipos e pela cor das folhas reunidas — que Rodrigues Cordeiro terá juntado posteriormente, no volume em questão. O manuscrito merece um estudo apurado, uma vez que muitas das composições poéticas aí registadas permanecem inéditas, e é seguramente um documento importante para estudar os hábitos de escrita da elite intelectual daquela época.

¹ *Álbum do poeta Xavier Rodrigues Cordeiro*, encadernado a verde, com as iniciais AXRC na lombada de carneira, 21cm x 13 cm, cerca de 123 folhas, na maioria brancas, mas tb. amareladas e azuis (o que sugere encadernação posterior de folhas soltas), com textos de poesia de Rodrigues Cordeiro [RC] e textos de outros autores com dedicatória a RC (como António Pedro Lopes de Mendonça, João de Lemos, João Bernardino de L. Borges, José Maria Pinto, João António de Carvalho, Augusto José Gonçalves Lima, Paulo Shibi Jon (?), L. da Costa Pereira, José Freire de Vespa, F. A. de Brito, Corroeiro de Gil Alcoforado, J. Borges P.P.); algumas folhas ficaram em branco e há mesmo uma folha rasgada; no fim aparecem registos que parecem ser de um índice ou um registo dos poemas passados a limpo deste álbum para outro lugar; textos com datação oscilante entre **1842** e **1844**; tudo escrito a tinta preta, com excepção das 2 primeiras folhas, escritas a lápis (parecem ser apontamentos para o poema *Aos Annos d'um Emigrado*, com que se inicia o álbum); pertenceu à biblioteca de Afonso Lopes Vieira, e apresenta o seu *ex-libris* [n.º de registo: BML - 116671].

O segundo álbum do espólio de Rodrigues Cordeiro² parece ser uma continuação do primeiro, constituído pelo mesmo género de textos com dedicatória ao escritor, tanto de poesia como de prosa, numa linha cronológica de continuidade (entre 1845 e 1850), contendo inclusivamente repetição de algumas personalidades que apareciam no primeiro álbum. São de assinalar algumas curiosidades, como o facto de aparecerem pela primeira vez autógrafos de mão feminina — é o caso de Maria Adelaide de Castilho Falcão — ou de ter sido deixado um espaço em branco para uma dedicatória de Mariana Lopes Vieira, mãe de Afonso Lopes Vieira; e ainda dois desenhos a carvão de Bazílio Cabral. Curiosíssimo é o comentário final de Rodrigues Cordeiro que, passados 25 anos, folheando este álbum de recordações, não resiste a registar os efeitos do tempo sobre a sua geração, escrevendo um obituário com o nome dos companheiros entretanto desaparecidos, ou acrescentando a lápis, na folha respectiva, a data da morte da personalidade que aí tinha inscrito a sua dedicatória.

São dois manuscritos valiosíssimos, a merecerem um estudo mais aprofundado. Esta breve notícia serve apenas de sinalização identificativa, mas forneceu-me algumas pistas promissoras para o estudo do jornal referido. Efectivamente, Rodrigues Cordeiro, jovem estudante de Direito, seguia os usos da época, transformando em escrita para o futuro as recordações poéticas dos seus companheiros de estudo e de tertúlia, aparecendo integrado no escol intelectual da época. Mais tarde, integrado no grupo de jovens poetas românticos de *O Trovador* (1848), Rodrigues Cordeiro participará com composições poéticas resultantes de despedidas gravadas em álbuns de amigos seus³.

Partir destes dois álbuns inaugurais nas lides intelectuais de Rodrigues Cordeiro, e imaginá-lo aos 30 anos, em Setembro de 1849, com alguns amigos, a redigir um jornal recreativo para preencher uma quinzena de veraneio em S. Pedro de Moel, passa a ter um sentido mais global, numa linha de continuidade de hábitos sociais de escrita comuns na primeira metade do século XIX.

O primeiro contacto que tive com o diário manuscrito, *O Búzio de Moel*, devo-o à generosidade de uma amiga, a Sr.^a D. Maria do Rosário Font, que me colocou nas mãos as folhas também manuscritas, cópia do original⁴, pela mão da sobrinha de Afonso Lopes Vieira, D.

² *Álbum do poeta Xavier Rodrigues Cordeiro*, encadernado a verde escuro com motivos gravados, 22cm x 15 cm, 50 folhas, todas brancas, com textos de poesia ou de prosa de outros autores com dedicatória a RC (como António Pedro Lopes de Mendonça, J. C. Mendes, Luis Rivera, António Augusto Teixeira de Mascarenhas, João de Andrade Correia, Manuel Tomás de Sousa Azevedo, Mendes Leal Júnior, Evaristo José de Araújo Basto, Maria Adelaide de Castilho Falcão, L. Correia Caldeira, Adriano Lopes Pinheiro, José de Sá Carvalho Júnior, Augusto José Gonçalves Lima, João Cardoso Ferraz de Miranda, Pedro Nunes Leal, F. Freire de Serpa Pimentel, Casal Ribeiro, Augusto Carlos Ponte Azevedo, Hermenegildo Gomes da Palma, João de Lemos, Francisco Palha, Luís de Bessa Correia, Joaquim José de Seabra); 2 desenhos a carvão de Bazílio Cabral (d. 1847); textos com datação oscilante entre **1845** e **1850**; tudo escrito a tinta preta; há algumas folhas em branco destinadas a amigos que não assinaram, sendo uma delas de Mariana Lopes Vieira; tem comentário final de RC, passados 25 anos e um obituário a seguir; pertenceu à biblioteca de Afonso Lopes Vieira, e apresenta o seu *ex-libris* [n.º de registo: BML - 21116].

³ Vejam-se as composições, "No álbum do meu amigo (A. P. da Cunha)", "Num álbum", "No álbum", "Num álbum duma jovem", "A um amigo", "No mesmo álbum" e "No mesmo álbum", in *O Trovador* (1999: 103, 215, 266, 289, 299, 302 e 365) elucidativas de que o *poema-dedicatória* conheceu uma grande voga durante a primeira metade do séc. XIX. O mesmo fenómeno se passa com as composições dos outros poetas representados nesta colectânea e na que se lhe seguiu em 1856, *O Novo Trovador*.

⁴ Documento constituído por 50 folhas de um bloco de notas tamanho A4, do tipo usado para papel de carta, com uma gravura estampada de Luís de Camões na capa, autógrafo de Maria da Luz Wasa de Andrade,

Maria da Luz Wasa de Andrade, responsável também pelo estado de conservação e organização de alguns dos manuscritos do espólio de seu tio. Conhecia eu a meticulosidade do seu trabalho, uma vez que uma grossa fatia do espólio literário de Lopes Vieira passou pelas suas mãos e beneficiou da sua capacidade de classificação⁵, pelo que me pareceu plausível a fidedignidade da cópia, bem como verosímil a sua preocupação de preservar para o futuro um exemplar único com tal valor documental. Dada a sua experiência de bibliófila, e os escrúpulos no manuseamento e tratamento dos materiais de Lopes Vieira, julguei a cópia segura e, portanto, com suficientes condições de autoridade para poder ser divulgada.

Por um feliz acaso, em conversa com a Dr.^a Catarina Carvalho, responsável pelo Museu do Vidro da Marinha Grande, identificou ela a referida cópia com o original, um documento manuscrito do espólio da Casa de Afonso Lopes Vieira em S. Pedro de Moel, não catalogado, mas que se lembrava de ter visto entre os vários pertences do espólio, presentemente encaixotado à espera de melhores dias. Efectivamente, trata-se do original, manuscrito autógrafa de Rodrigues Cordeiro⁶, manuseado por Wasa de Andrade para a sua cópia. Através da colação entre os dois documentos pude concluir, sem sombra de dúvidas, o que antes suspeitara: que a copista tentou reproduzir, o mais fielmente possível, a disposição em colunas do original (tendo, inclusivamente, respeitado os espaços em branco, como é o caso de uma coluna inteira no n.º 14 do original), assim como os desenhos de abertura de alguns números, sendo inclusivamente a cópia de grande utilidade na decifração de algumas dificuldades de interpretação da caligrafia de Rodrigues Cordeiro. Estavam criadas, pois, as condições para um estudo de — agora renascido com dupla visibilidade — o *Búzio de Moel*.

escrito frente e verso, a duas colunas, marginadas do lado esquerdo (recto) ou direito (verso) entre 2 cm a 2,5 cm, com tinta azul até metade da coluna da esquerda da página 87 e daí para a frente até à página 93 com tinta preta, voltando à tinta azul da página 94 até ao final, na página 100. As páginas estão duplamente referenciadas: numeradas no canto inferior direito (recto) ou esquerdo (verso), a lápis; numeradas a tinta azul, no centro da margem superior, até ao n.º 46. Em algumas pp. faz-se a reprodução de um búzio, coincidente com a página de abertura de um novo número do jornal. O papel da primeira página apresenta marcas de o conjunto já ter estado preso por dois agrafos, nos cantos sup. e inferior esqu.

⁵ Após a morte de Maria da Luz Wasa de Andrade, os direitos de autor de ALV passaram para o mestre Joaquim Correia, que os detém presentemente.

⁶ Trata-se de um conjunto de 50 folhas lisas, com 31,2 cm x 21,5 cm, escritas frente e verso, em duas colunas, com margens à direita e à esquerda de 1,5 cm feitas a lápis, com tracejado duplo na coluna do meio, escritas a tinta preta, num caderno semelhante aos livros de actas, tamanho A4 (22 cm x 32,5 cm), forrado com tecido de chita de Alcobaça, com título gravado na capa, a dourado. A 5.^a folha é de tamanho ligeiramente diferente das outras e parece ter sido colada posteriormente, o que pode ter a ver com o facto de ostentar o "Suplemento ao n.º 2" de o *Búzio de Moel*. O verso da capa, no canto superior esquerdo, apresenta uma etiqueta com cercadura, colada, com o n.º 238 (provavelmente correspondente a uma catalogação da biblioteca de Rodrigues Cordeiro) e a vinheta com o *ex-libris* de ALV; no canto superior direito, na caligrafia de ALV, a acompanhar o desenho de uma cruz de Cristo, a tinta vermelha, e com uma cercadura à volta, "Casa de S. Pedro"; na margem inferior, sobre o lado direito, sobreposto no desenho de uma estrela vermelha, também na caligrafia de ALV, "Biblioteca de S. Pedro", a tinta preta. O vol. deve ter sido submetido a condições adversas, pois a capa e a contra-capas encontram-se praticamente soltas e o tecido revela marcas de ter apanhado muita humidade. No entanto, o texto é perfeitamente legível e íntegro. Dele não consta qualquer número de catalogação no espólio da Casa de Afonso Lopes Vieira em S. Pedro de Moel.

2. O jornal como *parlamento* privado

Entre 16 e 29 de Setembro de 1849, Rodrigues Cordeiro e alguns amigos redigiam os 14 números do jornal diário manuscrito, *O Búzio de Moel. Jornal recreativo*, que passou a *Jornal de utilidade e recreio* a partir do n.º 8 da série.

A leitura de *O Búzio de Moel* revela-nos uma sociedade de oitocentos muito elitista e preocupada com os ritos e pre(con)ceitos sociais. Entre notícias de *fait-divers*, partidas e chegadas das famílias da alta sociedade, diversões e charadas, quadras e poesias inéditas, os artigos de fundo giram à volta de temáticas relacionadas com a *toilette* e as manifestações sociais de afectos, provocando reacções violentas nos leitores (sobretudo leitoras...), a quem é dado o direito de resposta. Dois romances de estrutura folhetinesca — *Cenas da Vida da Praia e À Borda do Mar* — evoluem ao ritmo dos 14 números, numa pintura impressionista das relações familiares, sociais e amorosas da sociedade de oitocentos.

O Búzio de Moel pode, seguramente, ler-se como a constituição de um pequeno *parlamento* privado, capaz de revelar ao leitor do séc. XXI uma parcela da alta sociedade leiriense, as suas preocupações durante a estação de veraneio na praia de S. Pedro de Moel, assim como a complexidade e representatividade dos intelectuais da época.

Aliás, será bom saber-se que Rodrigues Cordeiro viria a ser eleito deputado por duas vezes e administrador do concelho de Leiria, e que, na altura da dissolução da Câmara, se sentiu na obrigação de fazer uma *Exposição aos eleitores do districto de Leiria*, que seria publicada pela Imprensa da Universidade, em Coimbra, em 1852. Nesse discurso, justifica-se das promessas feitas à população em Novembro de 1851, centrando-se sobremaneira nas suas preocupações com a alfabetização, tarefa em que se empenhou pessoalmente ainda quando os meios oficiais falharam, como deixou registado:

[...] Finalmente eu prometti votar pela creação de tres mil escholâs publicas, porque achava, e ainda acho, as que actualmente existem insufficientes para derramarem por todo o povo a instrucção primaria tão necessaria n'um governo liberal. Soube porém depois, que a illustrada corporação do Conselho Superior d'Instrucção Publica em Coimbra estava tractando de tão importante materia, e eu não era tão audaz, que, desconhecendo a minha inferioridade, fosse appresentar um projecto d'estudos, antecipando-me inutilmente d'este modo, só para ter a vaidade d'ostentar na tribuna os meus mais caros desejos.

Infelizmente os trabalhos do Conselho Superior não chegaram a vir á Camara, eu da Cadeira de deputado desci á vida particular, e como particular fiz o mais, que estava na minha mão. Fanatico pela instrucção popular, alimentando o pensamento de a disseminar vim para o meu Districto, fundei na Cidade capital um Curso nocturno de leitura e escripta repentina pelo methodo, hoje provado, do Sr. A. F. de Castilho, e ahi desde dois mezes, não obstante a minha residencia ficar a uma legua de distancia, vou todas as noites ensinar perto de duzentas pessoas de todas as idades, póde dizer-se, que me pedem o pão do espirito. A minha divida está em parte desempenhada, mas eu ainda a não dou por solvida. Se novos suffragios me levassem á representação nacional, ficai certos de que havia pugnar com todas as minhas forças na Camara, para que o ensino primario, a ser possivel, se derramasse em todas as freguezias do Continente e Ilhas. [...] (1852: 6-7)

Rodrigues Cordeiro revela, assim, o seu entendimento pleno da representatividade parlamentar, procurando complementar com a sua prática pessoal aquilo que a política não lhe

permitia realizar, saldando as promessas eleitorais feitas⁷. A população de Leiria havia de reconhecer a generosidade deste representante parlamentar, considerando-o até ao fim dos seus dias *persona grata* ao distrito.

Vivendo numa época agitada pela guerra civil, precisamente a que vai permitir estabelecer o início da monarquia constitucional, Rodrigues Cordeiro revelou-se cidadão empenhado e participou na guerra civil que opôs as forças populares ao cartismo, a partir do final de 1846. O cidadão fazia-se voluntariamente soldado nas fileiras do partido liberal. Como sintetiza Carlos Fernandes: "[...] enquanto em Coimbra se formava o batalhão Académico, Rodrigues Cordeiro organizava milícias em Leiria, com as quais marchou sobre Santarém e Torres Vedras, actuando depois como militar, ajudante às ordens do general César de Vasconcelos, no Porto, até Junho de 1847, altura em que a Convenção de Gramido pôs termo à contenda." (1996: 11). Também Tomás Ribeiro, na cuidada "Biografia" que acompanha a edição de 1889 de *Esparsas. Ensaios Lyricos*, dirá sobre este período de profundo empenhamento cívico na vida do amigo:

Em 1846 rebentou a revolução popular contra o golpe de estado de 6 de outubro, e o neto do transmontano ajudou, em Leiria, onde se encontrava quando em Coimbra se formava o batalhão acadêmico, á organização de forças populares, e marchou com ellas para Santarém. Depois da batalha de Torres Vedras saiu de Santarem, com os restos fieis da sua gente e entrou com essas reliquias no Porto, onde serviu, até á convenção de Gramido, como ajudante d'ordens de Cezar de Vasconcellos, que morreu — conde de Torres Novas — e que era, pela Junta, visconde do Carril. Em quanto esteve no Porto escreveu na *Estrella do Norte*, jornal inspirado por Antonio Luiz de Seabra, um dos membros da Junta. Terminada a guerra em junho de 1847 voltou a Coimbra para completar a sua formatura. (Ribeiro, 1889: XII-XIII)

Em 1849, herdeiro da fortuna de um tio transmontano falecido em 1844, seu protector, Rodrigues Cordeiro estava formado em Direito, já tinha tido a experiência parlamentar e a de combatente na guerra civil, e contava entre os amigos com um escol dos intelectuais da época. Tomás Ribeiro enumera mesmo alguns dos mais ilustres condiscipulos de Cordeiro:

No 1.º de janeiro de 1839 começou a estudar as disciplinas preparatorias, estudo que depressa concluiu, matriculando-se em 1842 na faculdade de direito, onde teve por condiscipulos, entre outros muitos distinctissimos, Casal Ribeiro, Cau da Costa, Midosi, D. Antonio da Costa, Sosas Azevedos, Adolpho Trony; verdadeiras glorias do foro, da politica e das altas funcções publicas de Portugal. N'este curso de tão levantadas capacidades, Cordeiro ganhou o primeiro premio no primeiro e no segundo anno. (*idem*: XII)

Mas, de todos eles, foi provavelmente João de Lemos quem mais havia de brilhar nas letras, tendo conhecido, em vida, um grande apreço do público. Talvez por isso, quando, em

⁷ A este propósito, o seu amigo Tomás Ribeiro, no prefácio ao livro *Esparsas. Ensaios Lyricos*, de 1889, relembando os tempos da juventude, dirá: "No intervallo parlamentar, que para elle decorreu desde 1852 a 1856, o poeta reapareceu, mas já não era só o antigo trovador de aventuras [...]. Cordeiro ainda era isto, que a poesia é condemnação perpetua, e, toda a gente que encontra o condemnado, exerce auctoridade sobre elle e pode empregal-o, sem soldada nem cerimonia, em seu serviço e dos seus convivas e amigos; Cordeiro ainda era trovador, ainda era namorado, ainda compunha e consagra barcarolas ao seu Liz e serenatas aos seus amores, mas era mais do que trovador, era mestre-escola, mestre de primeiras letras, professor pelo *Methodo portuguez de leitura repentina*, em aula nocturna, creada por elle, a expensas suas, em Leiria, onde vinha das Córtes, todas as noites! 5 kilometros aproximadamente de distancia e, então, de pessimo caminho, *ensinar os ignorantes*. Durante dois annos manteve este favor aos seus conterraneos, esta homenagem ao seu mestre, — ao nosso mestre — Castilho, para quem a justiça da posteridade ainda não chegou. [...]" (Ribeiro, 1889: XXVI).

1875, Rodrigues Cordeiro assina uma carta prefacial para a edição de *Canções da Tarde*, se mostre tão orgulhoso da amizade que o ligou ao vate romântico, e reconheça nele a permanência de uma *essência poética* que o passar dos anos não consegue apagar nalguns homens:

[...] Não, a poesia não morre enquanto houver homens, enquanto o amor, a indignação, o entusiasmo, o culto de Deus e da pátria, os doces e brandos affectos, ou as paixões viris dominarem a humanidade. Não morre, e tu és d'isso uma prova pelo que em ti mesmo se d'a. Lembras-te? Em 1844, ha já trinta annos, duas vezes o tempo a que Tacito chama grande espaço na vida do homem — *quindecim annos, grande mortalis oevi spatium!* Como é doce, e doloroso ao mesmo tempo, o recordar isto! mas em 1844, dizia, frequentavamos nós a Universidade n'essa Coimbra onde vivemos durante cinco annos, dia por dia, e quasi hora por hora, como se foramos dois irmãos, e tão intimos que não havia segredo de um para o outro.

*Duas almas assim sempre se entendem,
pendem ambas d'instincto a confundir-se.*
Dizias tu, referindo-te á nossa amizade. [...] (Cordeiro, 1875: XII)

Em Leiria e nas Cortes, Rodrigues Cordeiro estava afastado de alguns amigos influentes das letras portuguesas, mas persiste na sua ligação à coisa pública e à actividade cultural. A herança dos jovens estudantes, que em 1848, em Coimbra, publicaram *O Trovador*, colectânea poética marcante do Romantismo, seria permanecerem para o resto das vidas ligados às *belas letras*⁸. Cordeiro conta-se entre os fundadores de um dos mais antigos periódicos leirienses, recolhendo mais tarde daí as folhas literárias em que biografou muitos homens de cultura do seu tempo, tanto portugueses como estrangeiros, nos *Serões de História*, tomos I e II, de 1889 e 1890. Com evidente orgulho, dirá sobre esse período de actividade jornalística:

Em Leiria, em 1854, começou a publicar-se um periódico intitulado *O Leiriense*, para o qual escreviam, quando as suas occupações lhes davam tempo para o fazer, D. Antonio da Costa, Fernando Luiz Mousinho d'Albuquerque, Candido Maria Cesar da Costa, dr. José Barbosa Leão, (infelizmente estes dois já não escrevem mais) e eu. Tambem n'este periodico começou a ensaiar a sua penna d'escriptor — quem hoje a está illustrando na continuação do *Diccionario Bibliographico* — Brito Aranha.

A folha era administrativa, litteraria e noticiosa e publicava-se duas vezes na semana — quartas e sabados. (Cordeiro, 1889: IX)

À luz desta breve retrospectiva, a experiência quinzenal do Verão de 1849, registada em *O Búzio de Moel*, aparece como uma espécie de iniciação à vida social, político-parlamentar, literária e cultural da época. Redactor principal daquilo que classifiquei como um pequeno *parlamento privado*, que ambições *legislativas* teve Rodrigues Cordeiro nesse jornal manuscrito?

⁸ Fátima Morna efectuou um estudo sobre a folha *O Trovador*, onde procura distanciar a poesia aí reunida do conceito de ultra-romantismo. Embora essa questão seja colateral para o nosso propósito, leia-se apenas o seguinte parágrafo elucidativo: "Deste modo, a geração de *O Trovador* corresponderia, em rigor, ao que se pode entender globalmente por romantismo português, mais do que pareceria, à primeira vista, operando apenas na óptica do apontado cruzamento com a noção de ultra-romantismo. Se quiséssemos extremar posições, dir-se-ia que o romantismo português é, maioritariamente, em termos de produção poética de facto assimilada, difundida, consumida e com real impacto na estrutura do gosto de um dilatado momento literário, esse mesmo romantismo que corre o risco constante de diluição no termo ultra-romântico [...]" (Morna, 1987: 15).

2.1. Normas e julgamentos sociais não fazem lei...

Uma das áreas temáticas preferenciais de *O Búzio de Moel* [BM] é a imersão em e a refundição de um conjunto de normas sociais, postas em causa pelos redactores, através de um registo irónico e provocativo. Estão neste âmbito algumas crónicas, muito bem conseguidas, que versam a *toilette* marítima, mais especificamente, a roupa de banho das Senhoras (n.º 1), o hábito das visitas entre os veraneantes (a que hoje chamaríamos *hábitos de etiqueta*) (n.º 2), a insensibilidade dos banheiros da praia (n.º 3), várias diatribes contra o luxo, as *coquettes* e a utilização de *toilettes* complicadas em S. Pedro de Moel, especificamente as luvas (n.º 2 e 3; supl. ao n.º 4; supl. ao n.º 5; supl. 2.º ao n.º 5; n.º 6 e 13), a enunciação de uma tese defendendo a inutilidade e falsidade dos beijos entre as senhoras (supl. ao n.º 2), a exposição de uma avaliação e classificação dos penteados das mulheres (n.º 12). Obviamente que as senhoras *coquettes* visadas nestas crónicas se sentiram lesadas e houve mesmo algumas que usaram do direito de resposta e deixaram registado o seu protesto juntamente com a sua perspectiva do assunto. Vejam-se, por exemplo, as seguintes cartas de uma leitora e de um leitor:

Senhor Redactor:

Li no suplemento ao n.º 2 do *Búzio de Moel* um artigo que tem por título *Os Beijos* e aí com bastante estranheza da minha parte vi censurados os beijos, que nós as Senhoras costumamos dar umas nas outras!

Estes beijos são aí reputados — *simulacro vão de uma afectada ternura* — como dando a entender, que só os beijos entre amantes, ou esposos é que têm uma significação real.

Esta doutrina, Sr. Redactor, quase que se podia chamar herética se a amizade se pudesse considerar uma religião: o beijo não é só um sinal de amor, é também um sinal de respeito e de amizade — e em qualquer caso é sempre uma meiguice.

O que é o beijo que a mãe, ou o pai imprimem em seu filho? Uma meiguice de amizade.

O que é o beijo que o filho imprime nas mãos enrugadas de seu velho pai? Um meigo sinal de respeito.

O que é o beijo que o irmão imprime na face da irmã? Um símbolo de afectuoso interesse e meiga simpatia.

O que significará também o beijo que a amiga dá na sua amiga? Diga o *Búzio* o que disser, significa "Amizade" exprime "Meiguice" revela "Simpatia"!

Faça o *Búzio* as distinções que quiser — considere muito embora os beijos da amada no esposo, loucos, fervorosos, e ardentes — os da amiga na amiga frios, desbotados, e sem valor, o que é certo é que eu não quero ser privada de beijar a minha amiga de infância, da mesma sorte que beijo meu filho.

O que estes beijos valem sente-o o meu coração, e não são os Redactores do *Búzio* os que melhor os podem avaliar.

Por fim devo dizer uma cousa. Não nos prive o *Búzio de Moel* de um prazer que ainda nos resta dos poucos que os homens nos deixaram. Que mal lhe fazem os nossos beijos? Deixe- -nos isto já que fomos tão lesadas na partilha dos direitos! O Beijo de Judas em Cristo só foi censurado porque foi traiçoeiro — os nossos só o devem ser quando forem como o de Judas.

Digne-se Sr. Redactor, dar cabimento no seu jornal a este desabafo de uma sua leitora.

Leiria 18 de Setembro. [BM: supl. ao n.º 4]

Comunicado

*Mas nunca lhe chames feias
Nem lhe entendas com as funções
N.[icolau] Tolent.[ino de Almeida]*

Estes versos do nosso tão conhecido como estimado Poeta, bastam para fazer conhecer aos Srs. escritores do *Búzio* que quando escreveram os seus artigos sobre os banhos, e visitas das Senhoras não lhes deram a importância que um tal objecto merecia.

Há cousa mais horrível e imperdoável! Chamar-lhes feias!

E queria o articulista que as Senhoras se não ofendessem! Tiveram toda a razão, e muito principalmente tendo havido em idênticas circunstâncias as mais lisongeiras comparações, pois

muitos poetas conhecidos têm cantado muitas belezas no abandono da *toilette* do banho. Reconhecei pois o vosso erro, aplacai a ira dos vossos inimigos, não só desdizendo-vos, mas escrevendo em seu favor: só assim podereis alcançar o perdão, e deste modo tornará a leitura do *Búzio* a ser apreciada pelas senhoras. O segundo artigo acha-se em manifesta oposição com o primeiro; neste lhe chamais feias na *toilette* do banho, naquele as arguis e censurais por se enfeitarem para as suas visitas! Acaso ignorais vós que o primeiro objecto, o mais importante para as Senhoras quando se trata de uma função é a sua *toilette*? Para que as quereis privar de uma tão doce ilusão, e a vós mesmo de as contemplar? Se o vosso fim é evitar o luxo, nisto tendes merecimento, mas muita desigualdade, porque no mesmo campo se tem apresentado alguns cavalheiros, vestidos como se fossem para o teatro de S. Carlos, ou para os bailes da Corte! Por que deixastes isto no esquecimento?

(Um leitor)

Pelo que acabais de ler bem podeis ver que *O Búzio* tem achado mais de um antagonista: respeitamo-los muito mas não podemos partilhar na generalidade as suas opiniões. *O Búzio* não chamou feias às Senhoras — esse pecado não o cometemos, louvado Deus! — disse que as Senhoras perdiam muito da sua beleza ao sair de um banho de mar, e quem diz isto também pode dizer — sem estar em contradição — que as sedas, as cassas, e as castorinas são um abuso da praia. Chitas — chitas — singeleza. Uma Senhora singelamente vestida à borda do mar é tão elegante! Em quanto a terem aqui aparecido alguns cavalheiros vestidos como para S. Carlos, e a não os termos censurado, devemos dizer que a consciência não nos acusa; se acusasse não duvidaríamos entoar o *poemitet me*.

Esses cavalheiros vieram aqui de visitas — não vieram para banhos — e no fim de contas a sua *toilette* não merece tantas honras! [BM: n.º 8]

Percebemos nitidamente, através da leitura destes textos, que o jornalinho foi menos insípido do que à primeira vista podia parecer, e levantou reacções acaloradas entre os veraneantes, numa afirmação clara do interesse despertado pelo diário, que animava a vida social com o colorido inesperado de uma galharda polémica. É provável que os redactores, jovens, se tivessem tornado até um pouco inconvenientes, e que as forçadas mudanças de alojamento, de que se queixam no n.º 9 do jornal, sejam uma consequência desse atrevimento:

Contradança
Chasses-croisées

Ora onde iremos nós parar enfim? Habitávamos um quarto cómodo e espaçoso no Bairro baixo onde estávamos menos mal; veio uma bela manhã o Sr. Gervásio (mestre de obras) pôs-nos na rua, e atirou abaixo a nossa casa para edificar sobre o terreno um verdadeiro palácio para o Sr. Félix da Marinha. Trouxas às costas, e vamos puxando até ao bairro alto. Encontrámos aí belos quartos, bancos, mesas, leitos, boa vizinhança, uma casa enfim com todas as comodidades!

"Aqui sim! aqui estamos como uns Príncipes", dizíamos nós connosco.

Mas o sonho feliz em que dormíamos embalados cedo se desvaneceu. Tinham jurado a nossa perseguição — haviam declarado aos redactores do *Búzio* uma guerra surda e traiçoeira implacável como o ciúme da mulher. [...]

P. S. Passam as nossas camas para as 2.ªs casas donde saímos, porém cremos que se mudam logo para a morada do Sr. Souto Rodrigues, que será a quarta em 4 dias!!! Onde iremos parar? Tornamos a dizer: Como acabará esta contradança?

Os jovens redactores aprendiam assim, à sua custa, que as normas sociais de *toilette* e etiqueta não se mudavam de um dia para o outro e que a apressada vontade de mudança da juventude nem sempre era bem vista pelo *establishment*. Faltam-nos os referentes concretos destes leitores e leitoras, mas, no restrito contexto em que esta mini-sociedade se movia, estes referentes só podiam estar entre a burguesia de elite com acesso à pequena estação de veraneio e à leitura de *O Búzio de Moel*. E é curioso verificar como há uma Senhora sem pejo de

fazer chegar a sua resposta contra-argumentativa e como surge, depois, um cavalheiro para sancionar a voz e o protesto feminino.

Idêntica polémica se instaura a propósito dos bailes e saraus organizados, e das preferências musicais dos redactores, assim como das suas opiniões sobre o traje que julgam mais adequado para esses momentos de entretenimento. Curiosas são as intervenções contra e pró a utilização de luvas, adereço então considerado indispensável pelas normas da etiqueta social. Os redactores podem ter concluído que os seus julgamentos — ousados e em busca de uma nova simplicidade — não eram suficientes para fazer lei. Vale a pena ler a crónica "Despedida", no n.º 14, seguida de outra carta de desagravo de uma leitora, para percebermos como os confrontos geracionais têm atravessado os séculos sem grandes alterações:

Despedida

O *Búzio* publica hoje o seu último número — a nossa missão está acabada, o público dirá se a cumprimos. O público que diga se houve excesso que não censurássemos — demasia que não coibíssemos — notícia que não déssemos — virtude que não louvássemos — interesse que não defendêssemos — e abuso que não acusássemos: ele que o diga, que é o juiz competente.

Aos cavalheiros temos a agradecer o apoio que nos prestaram — a muitas damas a benevolência com que nos atenderam. Se algumas houve que deram lugar a censuras, estamos certos que violentavam o seu coração, e que intimamente nos faziam justiça.

A singeleza é a elegância da Praia — defendemos a singeleza.

O luxo era um contra-senso — era mais do que isso — era um incómodo prejudicial — combatemos o luxo.

Quem ousará acusar-nos? Estamos certos que ninguém. Se contudo alguém se julgar ofendido desculpe-nos a intenção e releve-nos as palavras.

Aquela era boa — estas só podiam pecar na sua forma.

(Os Redactores)

Recebemos a seguinte carta de uma Senhora, a que damos a publicidade pedida.

Sr. Redactor

Sempre odiei as injustiças, e por isso não posso deixar passar em silêncio, e sem uma resposta muito categórica, um período do primeiro artigo do *Búzio* de hoje, que diz assim:

"Esteve aqui uma Sr.^a que tanto se tem habituado às luvas, que o ver-se privada delas é um sacrifício custoso — e contudo esta Senhora teve a condescendência de as não usar em S. Pedro! Por que não a imitar?"

Ora, Sr. Redactor, isto é faltar impudentemente à verdade! É... nem eu sei o quê!

A Senhora a que se alude, nunca largou as luvas — e apenas por uma galanteria, elegância, ou o que quer que seja, as descalçou em uma noite de reunião em que apenas uma outra Senhora as tinha.

Pelo contrário, a maior parte das senhoras da Praia, inclusivamente eu, muito poucas vezes as calçaram a não ser nas primeiras reuniões, ou em alguma visita — e isso mesmo nem todas.

Rogo-lhe, Sr. Redactor, queira, em desagravo da verdade, dar publicidade no seu jornal a estas poucas linhas, pelo que lhe ficará muito obrigada,

Uma banhista

S. Pedro, 28 de Setembro de 1849.

Pertencentes a uma sociedade elitista, com vontade de mudar alguns dos preceitos sociais mais arreigados, os redactores de *O Búzio de Moel* deram por finda a sua incursão na experiência jornalística sem terem conseguido alguns dos seus intuitos reformistas. Neste tempo, os *media* não tinham ainda força de lei...

2.2. O fechamento de uma sociedade elitista

Folheando as folhas destes catorze números de *O Búzio de Moel*, facilmente reconhecemos que o meio social a que os redactores pertenciam e a quem se dirigiam era

restrito, circunscrito e reservado a uma elite que frequentava, durante a primeira metade do séc. XIX, a pequena estação de veraneio de S. Pedro de Moel. A importância deste núcleo fica registada na frequência com que se assinalam as "Chegadas" e "Partidas" das pessoas importantes, que constituíam uma notícia diária fundamental, presente em todos os números do jornal.

No entanto, é interessante notar que os redactores tinham consciência de se encontrarem a desbravar um caminho inédito com a redacção do jornal, abrindo ao público a possibilidade de colaboração e ambicionando contribuir, através do exemplar *Diário de uma Praia*, para o aparecimento de outros periódicos do mesmo tipo. Leia-se, a esse propósito, a "Introdução" do n.º 1:

Não somos muito ricos mas apostamos numa cousa. Achão-nos agora de maré para malbaratar os poucos fundos das nossas algibeiras em uma empresa como qualquer outra, *uma aposta*.

Nós afirmamos, não diremos tanto, mas vivemos persuadidos, que o nosso Diário é o único jornal que hoje se publica nas numerosas praias do nosso Oceano. Nem as praias vizinhas da Capital, nem a decantada Foz, nem a Figueira, nem a nossa vizinha Nazaré — e muito menos a Vieira — possuem um Diário como este nosso, destinado a discutir a fisiologia do banhista, a indiferença do banheiro, a influência dos banhos nas paixões; a mostrar o movimento da praia; a noticiar os divertimentos e a analisá-los; a apresentar em suma todos os factos que possam interessar e sejam do domínio do público. Escrevem-se diários políticos — imprimem-se jornais científicos, publicam-se semanários puramente literários, gastam-se os tipos em Bordas d'Águas, — imprimem-se entremezes de cordel, e até se espalham com profusão noticiadores de touros; e só não se escreve o Diário de uma Praia! Isto desgosta-nos, é uma nódoa na nossa civilização, é um triste documento do nosso descuido, é um prazer para estrangeiros — e nós queremos lavar esta nódoa, apagar este documento, e destruir este prazer atirando ao mundo com uma folha inteiramente nova no seu género.

Se o nosso exemplo despertar companheiras por bem pagos nos daremos de todas as nossas fadigas — se continuarmos a ser os únicos na estacada a consciência nos bastará para consolo. Por último devemos dizer uma cousa: neste tempo de liberdade, não deve haver monopólios, e por isso o nosso jornal tem as suas colunas à disposição de todos aqueles que as queiram honrar com os seus artigos.

Nesse mesmo n.º 1, fazem-se referências geográficas a outras praias do oceano (Lisboa, Foz, Figueira, Nazaré, Vieira), para colocar em destaque a superioridade da praia de S. Pedro. Há ainda referências a Sintra (n.º 2), Paredes (n.º 5) e Bajouca (n.º 7) e preocupações com a qualidade da água do ribeiro que desagua na praia de Moel (n.º 5). Os acontecimentos sociais de relevo são noticiados: o *balancé* em casa de um particular (n.º 1); o baile e as diversas danças então na moda (supl. ao n.º 2, 3 e 5; n.º 6); o anúncio da construção de uma sala para a realização de bailes (n.º 9); a realização de um sarau medieval (n.º 10). O predomínio destes registos evidencia uma sociedade virada para si mesma, quase exclusivamente preocupada com o seu entretenimento momentâneo. No entanto, há o registo ocasional de notícias do quotidiano exterior, embora próximo, o que pode indicar que o isolamento ou alheamento desta elite social não era total. É o caso, por exemplo, da notícia de um afogamento em 8 de Setembro de 1849 (n.º 2) e do assassinato de um varino perto da Vieira, no dia 18 de Setembro do mesmo ano (n.º 7).

Deve assinalar-se também referências a figuras públicas ou do universo literário e cultural da época ou ainda mitológicas, de uma variedade assinalável: Carlota Corday, Marie Antoinette, Canova e Rubens (n.º 3); Sylphide e Vénus; Milton e o seu poema (n.º 4); Henrique IV e a Condessa de Salisbury (n.º 5); Bufon, Hogarth e Holbein e a dança dos mortos (supl. ao n.º 5); Eneias, Dido e a tragédia de Tróia (n.º 6); Nicolau Tolentino, o teatro de S. Carlos e os bailes na Corte (n.º 8); Lamartine e Pipêlet (n.º 10); Marat e Bocage (n.º 11); Byron e Balzac, as estátuas

dos gregos e os pincéis italianos (n.º 12). Estes referentes ajudam a desenhar os contornos culturais em que Rodrigues Cordeiro, os seus amigos e a sociedade veraneante em S. Pedro de Moel se moviam.

Mas, muito provavelmente, seria o próprio Rodrigues Cordeiro quem mais abrihantaria esse micro-cosmos social, pois os seus dotes poéticos já então eram conhecidos e estimados. Assim, o n.º 11 regista uma variante inédita do poema *O Outono*, depois incluído no vol. I de *Esparsas* (1889: 177-181), presenteando os leitores do jornal com uma *pérola poética* original. A versão presente em *O Búzio de Moel*, mais próxima de uma primeira redacção, permite uma colação interessante das duas versões, em que há alterações de monta (a estrofe 10.^a, 11.^a e 12.^a de BM desaparecem no texto de *Esparsas*, tendo sido aí acrescentada uma décima completamente nova), testemunhando como o escritor continuou sempre a burilar a sua obra, numa tentativa permanente de aperfeiçoamento.

Assim, o "Retrato" de Rodrigues Cordeiro, apresentado no n.º 11 por um dos amigos colaboradores, é já um prenúncio do destaque que a figura do jovem escritor conhecerá no seu tempo:

Cabelo preto, liso, e comprido, caindo um pouco de um lado sobre a testa esquinada e pensadora — sobrolho carregado e espesso — olhos extremamente vivos, fundos, dum verde carregado e brilhante, e que revelam bastante sensibilidade, e muita viveza; olheiras constantes e salientes — boca pequena e beiços delgados, barba preta, e bigode da mesma cor — nariz estreito, agudo e pequeno.

Rosto muito anguloso, dilatado superiormente, e estreito na parte inferior. Fisionomia peninsular.

Expressão umas vezes de uma bondade muito notável, outras de uma alegria franca e verdadeira, quase sempre de uma satisfação íntima, duma consciência de si, sempre de um certo contentamento interior, consequência infalível da bondade do coração de quem tem vivido bem no mundo, e que tem sido bom para ele.

Estatura baixa, ombros um pouco descaídos, corpo um pouco largo sem ser gordo, mais embrulhado do que vestido, antes desfigurado que favorecido por um paletó ou o quer que é, velho e acabado, que já se usou, com alamares pretos — ratão — mas cómodo, e por isso em partes esfarrapado porque é traste que o nosso amigo não larga nem em casa, nem nas praias.

Na cabeça chapéu de palha de Itália de abas largas, já um pouco...: enfim uma *toilette* um pouco *alirosada* e disparatada à borda do mar, mas não pretensiosa para quem o conhece. É a muitos respeitos o que o mundo chama um filósofo; quase sempre distraído, muito volúvel, esquecido, e duma energia como não conhecemos outro. Quando fala exalta-se, anima-se, grita, levanta-se, passeia, e se está entusiasmado nem o diabo pára com ele. É um homem rijíssimo fisicamente, é entre os outros mancebos com quem vive, o que entre os canos ordinários das espingardas de caça é o cano tuchado! Assim nos dizia, falando dele, um nosso amigo, a quem o *Búzio* deve alguns artigos que mais o honram.

E aqui tendes vós o retrato de um Poeta, que vos tem enternecido mais de uma vez com uma poesia linda e de sentimento — o retrato de um dos melhores rapazes que temos encontrado — de um nosso bom amigo — do primeiro redactor do *Búzio*.

Se ainda o não conheceres acrescentaremos mais dois sinais muito particulares. Quando vires um homem, pouco mais ou menos como o que desenhámos, inclinando habitualmente a cabeça (principalmente quando cumprimenta) para o lado direito, podeis afirmar "é ele!" Se vires o mesmo homem, baixo, vivo, sem se poder conservar sentado nem ainda por poucos minutos, passeando quase sempre; é o moço que vos retratamos.

Marat inclinava por hábito a cabeça para o lado esquerdo; vós sabeis que era um homem enérgico e terrível. Entre o meu amigo e Marat haverá alguma semelhança? Há muita em certas cousas; as ideias dum e doutro são por ventura iguais, mas a oposição no pender da cabeça é talvez como a oposição entre as suas tendências do coração. É que aquele era cruel e vingativo, e este é bom e generoso.

Bocage dizia de si "que era incapaz de assistir num só terreno" — Era como o nosso amigo também incapaz de permanecer por muito tempo no mesmo sítio.

E por fim de contas o nosso poeta tem muito de Marat, e bastante de Bocage. Certas tendências pequenas e singulares nos hábitos da vida indicam muitas vezes uma semelhança moral nos indivíduos em que se dão.

Através deste retrato, que parte de um arquétipo clássico mas já repleto dos estereótipos românticos da época, compreendemos como a figura do escritor, em particular a do poeta, mas também a do filósofo, teve um papel tão importante na abertura das sociedades elitistas de então a um universo cultural mais alargado. Pertencendo a uma elite fechada, Rodrigues Cordeiro representava a possibilidade de abertura através da sua relação com a Literatura e da sua energia mobilizadora e criativa.

2.3. Os folhetins e a ética amorosa

Nesta mesma linha, se percebe o sucesso de alguns folhetins romanescos, que funcionariam como reguladores das expectativas sociais e das normas éticas de relacionamento amoroso.

Não é possível assegurar a autoria dos romances folhetinescos presentes em *O Búzio de Moel*, uma vez que, à semelhança de todos os artigos do jornal, o ou os autores não são identificados. Apesar de tudo, é bem possível que as qualidades literárias de Rodrigues Cordeiro tivessem servido para a redacção de *À Borda do Mar*⁹ e do inicialmente intitulado *Cenas da Vida à Borda do Mar* (no n.º 5), que evolui para *Cenas da Vida da Praia*¹⁰ a partir do n.º 7, para não fomentar confusão entre os dois folhetins. São dois romances incipientes, com uma estrutura frágil e nitidamente pouco trabalhada, sem preocupações de ritmo ou de verosimilhança, repletos dos estereótipos românticos e reveladores de uma concepção misógina.

A intriga de *À Borda do Mar* localiza-se numa praia da Estremadura e gira à volta de uma mulher, Madalena, que julga ser salva de uma situação de afogamento por um homem, Alfredo — personagem que encarna a figura do eterno sedutor — por quem se apaixona perdidamente. É interessante o modo como se desenvolve a psicologia da personagem feminina, predisposta naturalmente aos enganos do amor e a deixar-se enredar nas teias fáceis da sedução, e vale a pena ver como o poder sedutor do olhar, das lágrimas e do rubor são descritos por um narrador omnisciente, imune aos efeitos do amor, mas consciente da inevitabilidade romântica da vivência trágica do amor pelas personagens da sua história. Mas essas *excursões* filosóficas do narrador acabam por ter um efeito literário de retardamento da intriga e distraem o leitor, fazendo-o perder o fio da história. A intriga deste folhetim parece ser, pois, uma outra maneira de os redactores de *O Búzio de Moel* continuarem a elaborar a sua *privada jurisdição*, desta vez sobre a ética amorosa:

[...] O sedutor calou-se, como para esperar o efeito destas palavras; a Senhora desta vez não ergueu os olhos, mas um sorriso imperceptível, acompanhado de um pequeno rubor, esprou-se-lhe nos lábios, e deu-lhe ao rosto uma expressão inefável — requintou-lhe a formosura!

⁹ *À Borda do Mar* inicia-se no n.º 4 e progride pelo n.º 5, 7, 9, 12 e 14. No n.º 14, afirma-se que se publicará o fim em "Apêndice ao Búzio", mas até agora tal documento não foi encontrado. Também se faz alusão à publicação prevista de duas poesias, uma *Ao mar* e outra "à memória de uma Senhora", o que faz aumentar a possibilidade de que a autoria do texto seja de Rodrigues Cordeiro.

¹⁰ *Cenas da Vida da Praia* prolongar-se-á pelo n.º 7, 8, 10, 11, 13 e terminará, de modo um pouco brusco e nitidamente forçado, no n.º 14.

A mulher quando um ligeiro rubor lhe tinge as faces desconhece o poder que tem sobre o homem. Se o não desconhecesse certamente se desvanecia deste encanto.

Nós não duvidamos dizê-lo — propensos como somos a acreditar o belo sexo, já quase que nos não embala senão o rubor das faces.

Palavras não exprimem só o que se sente, exprimem também a mentira e o fingimento. Nós temos ouvido sereias a jurar com voz enternecida, e fascinadora — tão fascinadora que parecia um eco do coração, e dentro em pouco tempo o perjúrio estampava-lhe na frente um ferrete desairoso!

O olhar estuda-se, e exprime-se com ele tudo o que se quer — o amor — a simpatia — a indiferença — o desdém — e o ressentimento: o olhar é uma arma que quase todas as mulheres sabem manejar, e que nós não sabemos conhecer para nos livrarmos delas.

As *coquettes* são disso uma prova. A *coquette* olha um homem, prende-o, arrasta-o com o olhar... Vê outro lança-lhe os mesmos ferros — doira-os com o mesmo olhar.

Apresenta-se outro que ainda se não tinha visto, torna-o sua vítima, e o mesmo lançar de olhos faz tudo... Que significa isto? É que o primeiro olhar valeu tanto como o segundo — e o segundo tanto como o terceiro: todos eles foram uma mentira, um brinco para satisfazer o amor próprio da mulher.

As lágrimas também não dizem sempre a verdade: uma mulher formosa banhada em lágrimas, com a cabeça silenciosamente pendida — com as mãos ora cruzadas, ora entretidas a afastar os cabelos, ou a enxugar os olhos, é divina como a Madalena, — sedutora como as Houris...

Chora por um filho? Acreditai-a. Aquelas lágrimas vêm do coração. É a filha que chora por sua mãe? Acreditai-a ainda. Aquelas lágrimas estão sinceramente a pagar os beijos, e o embalar da infância — os carinhos e o estremecimento materno de toda a vida!

Chora pelo amante?

Oh! não a acrediteis de leve! Admirai-lhe a formosura, mas se tendes coragem para deixar reflexionar a cabeça — se o coração vos é também propenso a chorar — não vos detenhais um momento, fugi porque as mulheres podem tudo com as suas lágrimas!

Sabeis por que pensamos assim? É porque conhecêmos um mancebo que chora cada vez que quer. Apostem com ele, e verão se ganham a aposta. Vimo-lo, e isto fez-nos muito mal; poucas lágrimas daqui por diante acreditaremos. Sejam elas de homem, sejam de mulher; se o homem finge menos dificuldade deve ter a mulher em fingir.

Pronunciamo-nos pois pelo rubor das faces; e como tomaria o nosso *leone* aquele sorriso que quase se não viu, e aquele rubor que bastante se pronunciou? Tomá-lo-ia como expressão de enfado? Não, que a enfadada não sorri. Veria nele a incredulidade? Não, que a incredulidade se costuma sorrir, não costuma nem sabe corar.

Considerá-lo-ia como uma aceitação do seu amor, como uma aprovação dos affectos que ele sabia fingir?

Certamente. Se o rubor pode algumas vezes considerar-se uma expressão de ofensa, nunca é quando se faz acompanhar de um sorriso.

O rubor pois de Madalena (Tem-nos esquecido dizer que assim se chamava a elegante) não era uma significação de ofensa, aquelas palavras do nosso *dandy* esperava-as ela já, era um efeito do pudor — do pudor que quase nunca se dissipa de todo, mesmo na mulher mais perdida. [...] (n.º 9)

As *Cenas da Vida na Praia* estão um pouco mais elaboradas e reflectem um ponto de vista irónico (episódio da mudança de roupa dentro da barraca da praia; episódio de *voyeurisme*). Descrevem, com algum vagar, o ambiente de veraneio da praia da Nazaré, e a intriga complexifica-se com um triângulo amoroso, de fim trágico, em que um amigo (Paulo) rouba a amante (Ana) a outro, para no fim a abandonar. Há um episódio interessante passado numa sala de jogos de bilhar, em que a metáfora do *jogo de amor* é explanada. As considerações finais são reveladoras da ética das relações amorosas aceite na sociedade da época e de uma certa misoginia, mesclada com a bipolaridade romântica anjo/demónio atribuída à mulher:

Epílogo

Numa sala em ... à noite, conversavam algumas senhoras e cavalheiros.

— Então F... fez proezas na Nazaré, não é assim? — perguntava uma senhora de uma estatura alta, fisionomia interessante, olhos vivos, descorada, e com certa expressão de tristeza e sofrimento algumas vezes, outras com um riso espirituoso, a um mancebo baixo, e magro que estava junto dela.

— Fez decerto — voltou ele — mas se eu fosse o outro matava-o.

— Foi um velhaco — disseram as Senhoras em coro.

Os homens riram-se!!!

E nós chorámos porque vemos aqui um engano recíproco, uma realidade triste da vida — uma mulher desgraçada, e vítima do seu fingimento.
Oh! Para que há-de a mulher enganar assim? Para quê, se ela devera ser sempre o nosso bom anjo, a divindade que nos aparecesse a consolar-nos nas amarguras da vida, como ao nauta na tormenta aparece em noute tempestuosa o farol conhecido?
Para quê, se ela só nos devera semear de flores e perfumes a estrada desabrida e árida do mundo?
Para quê, se ela com os seus enganos e fingimentos, é quem nos perverte mais, quem nos tira mais ilusões, quem nos faz entrar a primeira dúvida no coração, ainda ardente e crédulo? (n.º 14)

Em conclusão, estes breves romances terão servido como experiência estética aos jovens redactores, que assim ensaiavam a possibilidade de usarem os efeitos pragmáticos das formas literárias para manipularem os leitores com pontos de vista específicos, tarefa que se tinha revelado infrutífera com os artigos de opinião. Talvez, afinal, a Literatura tivesse, nesta época, um poder insuspeitado, capaz de a transformar na mais apetecida e apreciada das artes.

Com *O Búzio de Moel*, Rodrigues Cordeiro e os seus companheiros iniciavam-se nas lides literárias, enredando-se num trilho cultural que nunca mais haviam de abandonar. Não tivesse este documento singular chegado até nós e perderíamos uma oportunidade única de olhar para a génese de uma movimentação cultural na primeira metade do século XIX.

Referências bibliográficas

- CORDEIRO, António Xavier Rodrigues,
[1842-1844], *Álbum do poeta Xavier Rodrigues Cordeiro*, [BML: n.º 116671].
[1845-1850], *Álbum do poeta Xavier Rodrigues Cordeiro*, [BML: n.º 21116].
1849, *O Búzio de Moel. Jornal recreativo*, 16 a 29 de Setembro, espólio da Casa de Afonso Lopes Vieira de S. Pedro de Moel, não catalogado.
1850, *Elogio Historico do Socio do Instituto da Academia Dramatica Luiz da Silva Mouzinho d'Albuquerque*. Recitado na sessão solemne de 9 de Junho de 1850.
1852, *Exposição aos eleitores do districto de Leiria*. Coimbra. Na Imprensa da Universidade, 13pp.
1875, Carta prefacial (Abril de 1875) — "Carta a João de Lemos" — in LEMOS, João de, *Canções da Tarde*. I. *Ultimos reflexos*. II. *Horas vagas de Buarcos*, pp. XI-XVIII, Typ. Portugueza, Lx., 1875, 2.ª ed.
1889, *Esparsas. Ensaios Lyricos*, Tomo Primeiro, Livr. de Ant. Maria Pereira, Lisboa.
1889-1890, *Serões de História. Factos da História Portugueza, ou que com ella mais ou menos se prendam, expostos por forma romanceada, e que não fatiga o leitor*. Tomos I e II, Livr. de Ant. Maria Pereira, Lisboa.
- FERNANDES, Carlos, 1996, apresent., org., sel. e notas de António Xavier Rodrigues Cordeiro, *Poesia e Prosa (Antologia)*, ACartes, Associação de Autores das Cortes, Leiria.
- MACHADO, Álvaro Manuel, 1999, estudo introdutório de *O Trovador e O Novo Trovador*. Edição segundo as primeiras edições (1848 / 1856), IN-CM, Lisboa.
- MORNA, Maria de Fátima R. de Freitas, 1987, *Alguns aspectos da poesia de "O Trovador"*, estudo apres. no decurso das provas para doutoramento, Faculdade de Letras, Un. de Lisboa, texto policopiado.
- RIBEIRO, Tomás, 1889, Prefácio com "Biographia" — Praia da Feitoria, 8 de Setembro de 1888 (pp. IX-XXXVIII) in CORDEIRO, Rodrigues, *Esparsas. Ensaios Lyricos*, Tomo Primeiro, Livr. de Ant. Maria Pereira, Lisboa.